

Da heráldica aos folguedos populares, do tafetá à chita: uma proposta para a indumentária Armorial.

José Carlos de Mélo e Silva*

Resumo

O Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna, tem a pretensão de realizar uma arte nacional erudita baseada nos elementos dos contextos populares e assim sendo, convergir diversas artes como a pintura, escultura, literatura, gravura, arquitetura, teatro, cinema e dança para esse fim. Baseando-se nessa proposta, buscamos através de pesquisas histórico-bibliográficas, via textos e fotografias, sugerir uma indumentária Armorial baseada em estéticas eruditas e populares. Observamos nesse estudo, que há uma riqueza de elementos, como modelos, têxteis e adereços que podem ser trazidos à tona no cenário da moda regional.

Palavras-chave: culturas populares, indumentária e vestuário, moda, cultura material.

A busca por uma arte nossa, que valorize a vasta cultura popular existente no Nordeste Brasileiro foi (ou ainda é) uma constante no âmbito intelectual. E deste meio surgiu um movimento que buscou fazer uma arte erudita através de elementos dos contextos populares, se apoiando na literatura de cordel, na música, na cerâmica, na gravura e tapeçaria, na pintura e nos espetáculos populares de rua. Ariano Suassuna foi quem delineou este movimento, que traz a tona costumes, hábitos e festejos do povo muitas vezes esquecidos e desvalorizados. Buscando contribuir com essa produção e criação surgiu nosso interesse em pesquisar sobre uma indumentária Armorial, via história e fotografia de tais manifestações e, a partir dos resultados, sugerir um vestuário, condizente com as características do movimento, valorizando assim, nossa cultura e nossa matéria prima.

O ponto de partida para este estudo foi o livro **Movimento Armorial** (1974) no qual Ariano Suassuna traça os principais aspectos da sua proposta. Nesta obra encontraremos pistas e itinerários sugeridos pelo autor para busca de conceitos e imagens que nos forneçam uma catalogação de indumentos e adereços os quais podem constituir (ou contribuir para) um vestuário baseado na estética Armorial. A partir da proposta de Suassuna tomamos como fatores fundamentais para a pesquisa bibliográfica além do próprio movimento, três grandes momentos: o estudo da heráldica, o vestuário da idade média européia e os espetáculos populares.

* Mestrando em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

O nosso resultado pode tornar-se uma fonte de inspiração e valorização de elementos das nossas raízes populares e da nossa moda local, com um significado peculiar da região Nordeste.

O MOVIMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES

O Movimento Armorial vai buscar sua base teórica longe, lá na Idade Média, períodos dos feudos e castelos medievais, das cavalcadas e música ao som do clavicórdio e da viola-de-arco do barroco. Momento histórico em que, as famílias nobres eram distinguidas através dos brasões, os quais recebiam toda uma padronização, regra e significação quanto a sua cor, esmalte e símbolos. Segundo Suassuna (1974), o nome *armorial* é atribuído ao movimento devido “ao conjunto de insígnias, brasões, estandartes e bandeira de um povo.” Ele afirma que a heráldica, arte dos brasões, “é uma arte muito mais popular do que qualquer outra coisa” pois:

A unidade nacional brasileira vem do povo, e a heráldica popular brasileira está presente, nele, desde os ferros de marcar bois e os autos dos Guerreiros do Sertão, até as bandeiras das cavalcadas e as cores azuis e vermelhas dos pastores da Zona da Mata. Desde os estandartes de maracatus e caboclinhos, até as Escolas de Samba, as camisas e as bandeiras dos clubes de futebol do Recife ou do Rio. (SUASSUNA, 1974, p. 4)

É galgado na heráldica medieval, legado da península ibérica em nosso país, que se baseia a proposta do Arte Armorial Brasileira, tendo como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos folhetos de cordel, da música de viola, rabeça ou pífano que dão o arranjo musical aos “canteres”, a xilogravura a qual ilustra as capas do cordel e as forma das artes e espetáculos populares. No âmbito da pintura, Suassuna destaca os quadros de Francisco Brenand que trazem em sua representação selos e brasões montando escudos de armas; o caju que é apresentado como a insígnia vegetal brasileira e a onça como o animal heráldico mais peculiar nosso. (SUASSUNA, 1970, p.5).

E citando os artistas plásticos como Miguel dos Santos, com seus bichos estranhos como dragões, metamorfose, santos, mitos e personagens nordestinos, anjos e demônios; Lourdes Magalhães, com sua atração pelas lantejoulas e vidrilhos; e Geber Accioly e Aluizio Braga com seus quadros minúsculos bordados, esmaltados e cheios de joias, Suassuna aponta importantes elementos a serem usados na indumentária.

A tapeçaria também contribui para a busca da indumentária Armorial com as obras de Maria da Conceição Brenann Guerra que traz na peculiaridade dos seus tapetes, as onças, cobras e animais alados e míticos, aludindo aos impérios latino-americanos. A gravura de Gilvan Samico apresenta uma gama de informações a serem acrescentadas ao vestuário principalmente no que tange a estampa e serigrafia.

Sobre o cinema, em relação a uma possível adaptação (hoje já realizada pelo diretor Guel Arrais) da sua obra **O Auto da Compadecida**, Suassuna (1974, p. 11) estabelece uma sugestão de figurino que nos serve de suporte para o nosso propósito:

A beleza dos trajes do espetáculo nordestino: o gibão dos vaqueiros, cheios de bordaduras, verdadeiras armaduras de couro vermelho; as moedas e estrelas de prata dos arreios e chapéus de couro; as esporas; as roupas de almirante da Nau Catarineta; os Reis do bumba-meu-boi, todos vestidos de espelhos, com as cabeças ornamentadas com chapéus que parecem templos do Sião ou Mitras episcopais; os trajes litúrgicos da Igreja e dos militares; a roupa solene e cômica do Doutor, os bichos fabulosos – a Onça, a Jumenta, o Jaraguá.

Portanto, fica patente uma certa preocupação do autor com um traje que caracterize tanto o figurino cinematográfico quanto teatral, enaltecendo o mágico, o onírico, o colorido e brilhoso dos espetáculos populares.

A HERÁLDICA E SEUS ELEMENTOS

A heráldica é a arte de formar e descrever Brasões de Armas além de interpretar as origens e o significado simbólico e social da família, nação ou instituição. Teve início no século XII, na Europa e no Japão, e nas Cruzadas foi que teve seu apogeu onde foi usado, de modo ordenado, cores e símbolos, com vistas à distinção dos grupos, muitas vezes de origens e línguas diferentes, que se confundiram nos acampamentos e nos campos de batalha. (BRASÃO)

No início, os brasões eram sinais pessoais, escolhidos pelos cavaleiros ou guerreiros e com o passar dos tempos começou a ser usado pelas famílias e a representá-las e até identificar seus territórios. No entanto, criou-se uma linguagem própria para sua interpretação onde figuras, vernizes, posições e adereços constituíram uma significação e interpretação associada às características de cada clã. Isso implica dizer que não havia critérios puramente estéticos ou casuais para criação do brasão. (BRASÃO)

O esmalte, espécie de verniz vítreo, era usado para proteger os metais do escudo contra a oxidação e para dar cor a algumas partes. Os metais eram o ouro e prata e as cores centravam-se em vermelho, azul, verde púrpura e negro. Cada cor tinha seu significado próprio:

Ouro: nobreza, riqueza e poder.

Prata: pureza, integridade, firmeza e obediência.

Vermelho: vitória, fortaleza e ousadia.

Azul: zelo, lealdade, caridade, justiça, lealdade, beleza e boa reputação.

Verde: esperança, fé, amizade, bons serviços prestados, amor juventude e liberdade.

Púrpura: grandeza e sabedoria elevada.

Negro: prudência, astúcia, tristeza, rigor e honestidade. (HERÁLDICA)

Quanto aos símbolos usados nos brasões, estavam presentes os animais como o leão, o leopardo, o cavalo, o cachorro, o coelho, o touro, o tigre, a pantera. Também aparecem outras insígnias como o castelo, a torre, a flor-de-lis, a cruz, e as figuras quiméricas, ou seja, figuras do imaginário dos poetas e cantadores da Idade Média, inspirados na mitologia antiga. Entre as figuras quiméricas mais populares estão o grifo, o unicórnio, o dragão, a esfinge, a hidra, o centauro, a harpia, a sereia, a fênix, o pégaso, a quimera, o hipógrifo e a medusa. (HERÁLDICA).

Dos ornamentos externos que envolvem o brasão, o que mais se destaca é o elmo, espécie de capacete usado pelo cavaleiro para proteger-se nas batalhas. “O desenho do elmo é completado pelo virol, a Coroa do grau de Cavaleiro, e pelos paquifes, uma plumagem que trazia sempre as cores da família ou do clã ao qual pertencia o nobre.” (HERÁLDICA).

No entanto o que nos interessa da arte dos brasões são os seus elementos como fonte de inspiração para criação de peças, de estampas, de emblemas para serigrafia ou detalhes e aplicações nas roupas. Buscamos trazer a tona uma estética que serviu de pedestal para o movimento e que influenciou, e até mesmo deixou seu legado, nos espetáculos populares do Nordeste.

O VESTUÁRIO MEDIEVAL

Os países que deixaram seu legado para o vestuário do período medieval, o qual abrangeu os séculos XI a XIII, foram a França, Alemanha, Itália, Inglaterra e Espanha. As classes eram bastante distintas por diversos aspectos, inclusive na indumentária. Diferenciavam-se as pessoas comuns, camponeses, o clero e a nobreza. A

túnica de linho fino pelos joelhos, denominada *gonelle*, bordada nas extremidades e presa por um cinto era bastante comum entre os mais desprovidos de condições econômicas. Para enfrentar a guerra, a túnica era de tecido mais grosso ou de couro e coberta com placas de metal. (LAVÉ, 2002, p. 51).

As mulheres usavam estolas adornadas com faixas bordadas, broches decorados para prender a roupa ao ombro, cintos de couro e a gola drapeada, conhecida na época por *palla*. Os brocados e pedras preciosas eram predominantes nas roupas de luxo da nobreza. Eram também comuns as túnicas, camisolas e sobretúnicas. (LAVÉ, 2002, p. 53-54).

As Cruzadas mudaram as roupas da Europa Ocidental e os elementos do Oriente Próximo entram em vigor. As mulheres começaram a moldar o vestido ao corpo por meio do abotoamento lateral, que deixava a parte superior justa sobre o busto. As mangas tornaram-se muito compridas e amplas no punho. As meias entraram em voga e foram sofrendo alterações em relação ao tamanho sempre em lã ou linho. Os chapéus também eram bastante usados em modelos variados. Um novo modelo de vestimenta feminina surgiu por volta do século XII, “sendo o corpete do vestido, pelo menos para as classes altas, moldando bem o busto até os quadris e a saia ampla, caindo em pregas até os pés.[...] A sobretúnica também era mais ajustada e tinha mangas mais amplas. (LAVÉ, 2002, p. 60). Usava-se também o gorjal de linho fino branco ou de seda, cobrindo todo o pescoço.

O gibão, conhecido na época como *gipon*, adquire novas formas, era acolchoado na frente para realçar o peito e bem mais curto e apertado, abotoado na frente e usado com um cinto sobre os quadris. As classes superiores usavam sobre o gibão uma sobretúnica bem decotada e abotoada na frente. A das classes inferiores era mais larga e sem botões, vestida pela cabeça. A beca foi também uma roupa característica da época: ajustava-se aos ombros e era solta, com um cinto na cintura. Seu comprimento variava sendo mais longa para as cerimônias. (LAVÉ, 2002, p. 64).

Nessa época as túnicas eram de seda ou lã, camisas de linho ou sisal de decote baixo e mangas curtas. Casacos sobrepunham às camisas. Os decotes ornavam e deixavam a mostra o colo feminino. As roupas mais justas era decoradas com debruns nas barras, nos punhos e as vezes no decote. As sobrevestes não traziam ornamentos, a não ser na barra das mangas e as capas ficavam apenas para a nobreza. (KÖHLER, 2001, p. 159- 175).

As vestes reais geralmente eram bordadas com padrões florais em ouro e pérolas, a estola era violeta, salpicada de pérolas e pedras preciosas, nas bordas pendiam bolas de ouro. As luvas tricotadas também enfeitada de pedrarias, meias de seda com detalhes em ouro, os sapatos eram de cetim opaco e os cintos trabalhados em ouro e prata com emblemas de leões. (KÖHLER, 2001, p. 176- 184).

O casaco curto, *pourpoint*, sempre muito justo ao corpo diferia-se quanto ao tecido, corte ou ornamento. Os colchetes eram usados para fechá-lo e as mangas, bastante acolchoadas davam uma peculiaridade exuberante às peças. Os cavaleiros usavam túnicas que foram acrescidas de ornamentos com o decorrer das décadas. Chapéus, gorros, mantos, barretes, turbantes, toucas e capuzes, em materiais como feltro, veludo e seda, eram sempre usados pelas mais diferentes classes sociais. As fitas coloridas ornavam as cabeleiras femininas onde desciam juntamente com o cabelo sobre as costas. As jaquetas, de corte semelhante à túnica, eram usadas pelas classes populares. O mesmo não acontecia com o robe de tecido luxuoso e guarnecido com peles. Os sapatos eram diversificados quanto ao estilo e podiam ter uma abertura no peito do pé ajustada com cadarços, ou lapelas fechadas por colchetes, as botas tinham canos longos ou vinham até o tornozelo. (KÖHLER, 2001, p. 178- 208).

Na Espanha, em particular pela influência dos mouros, adotou-se elementos desse povo. Os tecidos árabes requintadamente ornamentados vestiam as classes superiores da época. Köhler (2001, p. 263) atesta que “as roupas das mulheres espanholas tinham cores vivas e atraentes; as favoritas eram branco, vermelho, azul claro, rosa, violeta-claro e verde-mar.” Diferentes das francesas, italianas e alemãs, as espanholas medievais não costumavam adornar a cabeça, e quando o faziam preferiam os lenço de tamanho moderado que se prendia à cabeça por uma faixa passando pela testa. “Esse tipo de lenço, provavelmente de origem moura, já tinha sido adotado num período anterior como proteção contra o mau tempo”, conclui Köhler (2001, p. 263).

O jeito de vestir medieval privilegiava a sobreposição de roupas, a excesso de tecido, as golas decotadas, mangas estreitas próximas às axilas e folgadas no punho, casacos, túnicas e gibão, meiões. A lã, o tafetá, a seda, o sisal, o veludo e o linho eram os têxteis utilizados para confecção. A peculiaridade dos cortes e os ornatos variados da cabeça imprimiam uma estética voltada aos detalhes e cuidadosamente trabalhada.

OS ESPETÁCULOS POPULARES, SEUS FIGURINOS E OUTROS APETRECHOS.

O Pastoril, bailado que integra o ciclo da festas natalinas do Nordeste, teve início na Idade Média e era clássico em Portugal onde recebia a denominação de Auto do Presépio. Tinha, contudo, um sentido apologético, de ensino e defesa da verdade religiosa e da encarnação da divindade. Então segundo Pascoal :

O pastoreio nasceu dos Dramas Litúrgicos da Natividade, representado nas Igrejas, nas quais se assistia ao nascimento de Jesus, ao aviso aos pastores, a adoração dos anjos e a oferenda de Incenso, Ouro e Mirra e por fim, a mensagem dos anjos dos reis para não irem ao palácio de Herodes. (PASCOAL, 1975, p. 16).

Hoje, existe uma gama de personagens, sendo que a sua presença varia de região para região. Pascoal conta 42 personagens em média, são eles Anjo da Anunciação, Anjo do Céu, Anjo Gabriel, Fama Ligeira, Pastor, Tempo, Relâmpago, Lua, Estrela, Sol, Noite de Festa, Noite Tristonha, Borboleta, Cabana, Diana, Baiana, Camponesa, Padeira, Saloia, Peixeira, Camélia, Quitandeira, Cozinheira, Jardineira, Marujo, Barca Bela, Sereia, Pescador, Mal-me-quer, Contra Mestre, Cigana Rica, Manhosa, Jardineira, Fada, Samaritana, Libertina, Diabo, A Cigana Pobre, Florista, Velho, Caminho e as Pastoras. (PASCOAL, 1975, p. 17). As pastoras formam dois grupos: o cordão encarnado e o cordão azul as quais vão buscar do público aplausos.

Do pastoril podemos observar no seu figurino o uso de saias, blusas e boleros em cetim, faixas, aventais, enfeitados com galões prateado ou dourado. A diadema está presente seja ela simples ou com adereços de estrelas ou luas com areia prateada (THEO, 1979, p. 3) e (LAMAS, 1978, p. 140).

Pascoal (1975, p. 19 - 90) traz outros elementos na indumentária das pastoras como saias franzidas ou com dois babados, chapéu de palha com fitas e flores, corpete, avental branco, mangas fofas e o uso dos tamancos. Já em outros personagens encontramos variados detalhes quanto às vestimentas: sandálias, diademas, luvas, camisolão, roupão, faixa, casaco, calça curta, sapatilha, meias compridas, camisa de malha, lenço, gravata, cordões e pulseiras, macacão, saia plissada. Os têxteis usados na indumentária foram o cetim, algodão, filó, lona, organdi; quanto às estampas aparecem os motivos florais e o xadrez ou quadriculado; as cores predominantes são o azul-claro,

o vermelho, o branco, o amarelo-ouro, o preto. Os adornos e aviamentos são os mais diversos como paetês, ilhoses, sutache, viés e fitas.

O Bumba-Meu-Boi, auto de Natal que conta a participação de personagens como a Catirina, o Mateus, a Ema, o Babeu, inspira a indumentária com seu colorido, suas fitas e o pano de chita. (MAIOR, 1982, p. 29). O mamulengo, teatro de bonecos, tem seu legado medieval e traz elementos para sua performance como o Diabo, a Alma e a Morte. Suas vestimentas e seu colorido encantam muitos expectadores. Sua importância para esse estudo está nos têxteis usados na sua confecção que é propriamente a chita. Já o Maracatu, como define Maior, traz uma variada riqueza de ornatos:

é um folguedo carnavalesco que percorre as ruas da cidade, encabeçado pela baliza, cuja função é abrir alas para o cortejo passar, o Rei a Rainha, muito importantes nos seus papéis, sob um chapéu-de-sol colorido, adornado com franjas, rendas e espelhos; o embaixador, com bandeira, ladeado por dois índios; as baianas, de saia branca e cabeções de renda também branca, duas das quais conduzindo bonecos – o príncipe d. Henrique e a princesa dona Clara; orquestra de zabumba e bombos; o tirador de loas, e o, sempre animado, grupo de dançarinas. (MAIOR, 1982, p. 56).

Quanto na vestimenta, Théo (1979, p. 4) descreve:

Os integrantes do maracatu apresentam-se devidamente vestidos e paramentados: homens de calções curtos, ou calças de cor e manto, mulheres de vestido branco, faixa à cintura, coroas e espadas, baianas de cabeções rendados brancos, saias de cor, torçais brancos, balangandãs e sandálias[...] (THÉO, 1979, p. 5)

Deste folguedo buscamos o tafetá e o veludo das roupas imperiais, juntamente com os brocados em dourado, as saias e os babados das baianas, as lantejoulas, espelhos e franjas, o bordado e o brilho dos estandartes e o colorido do festejo. Tanto o Movimento Armorial como o Maracatu enaltecem o estandarte e nele encontramos, mesmo que redundante, uma gama de informações relativas a adereços. Os estandartes, bandeira ou gonfaldões:

são termos que se identificam por funções semelhantes e por serem representados por pedaços de pano com desenhos ou bordados decorativamente representando alegorias, insígnias ou brasões de instituições que podiam ser desde as mais modestas sociedades até a grandeza de um país. (VALENTE, 1995, p. 52).

Segundo Valente (1995, p. 52) as bandeiras e estandartes surgiram “na Idade Média, nos séculos XI, XII e XIII quando se organizaram as cruzadas, que eram instituições ao mesmo tempo religiosas e militares.” Nos estandartes, os clubes se destacam pela beleza e riquezas artísticas na sua confecção. Uma vasta diversidade de materiais são utilizados nessas obras: “fios dourados, vidrilhos, miçangas, aljôfares, pinturas e bordados apresentando alegorias quase sempre alusivas às origens e ao nome do clube, tafetás, veludos, entre outros [...]” (VALENTE, 1995, p. 53 – 54).

Outros produtos nos serviram de inspiração e não puderam ser esquecidos, alguns até citados por Ariano Suassuna. Um deles foi o trançado que compõem bolsas, chapéus e até sandálias e tamancos, podendo ser de palha de carnaúba ou catolé, bananeira, vime cipó, agave. (AZEVEDO; SPINELLI, 1982, p. 69).

O couro foi e é ainda uma matéria prima bastante usada na indumentária principalmente do Nordeste, dele faz-se “roupas de vaqueiro parecendo antigas couraças medievais, chapéus, alpercatas, sapatos, bolsas, cintos, alforjes, carteira de guardar dinheiro...”(CAMPOS, 1982, p. 37) uma infinidade de adereços que completa e torna peculiar a trajado.

As rendas e os bordados caracterizam a mulher nordestina e podem (e devem) ilustrar suas roupas. O bordado de agulha, renascença, labirinto, filé, renda de bilro, rendendê, frivolé e a tapeçaria são os mais conhecidos.

Portanto, estes elementos juntos oferecem rica fonte de inspiração e de diversidade, onde se podem unir mais de um produto e produzir uma indumentária que represente e valorize nossas tradições e a economia local.

NOSSA PROPOSTA

Aqui não propomos a apropriação de uma fantasia ou vestimenta de um folgado popular ou de um camponês medieval, mas sim buscar nesses modelos inspiração e elementos como têxteis, cortes e adereços, que tragam a tona as raízes populares, pregada por Ariano como nossas. Revimos e buscamos mostrar a riqueza de detalhes e de matéria-prima existente no Nordeste, com todo seu colorido para estampar a moda regional, que na maioria dos casos, aparece estandardizada e pasteurizada em padrões os quais, muitas vezes, não são cabíveis ao nosso clima.

Enaltecemos a cultura local não só pela questão de identidade, mas também pela perspectiva econômica, já que produzimos couro, renda, trançados... Para reunir os

elementos pesquisados e construir uma fonte de consulta, montamos uma tabela que está aberta a acréscimos, tendo em vista que não esgotamos o assunto, pois caberia também uma pesquisa *in loco* para observar as agremiações, as feiras-livres, os mercados populares, museus...

Tabela com indicações para indumentária Armorial

Categorias	Peças e Elementos
Têxteis (tecidos)	Cetim, linho, seda, cambraia, cambraia bordada, filó, tafetá, sisal, juta, chita, organdi, veludo, algodão e algodãozinho.
Estamparia	Motivos florais (papoulas, girassóis, hibiscos, margaridas, gérberras); frutais (caju, abacaxi, manga); folhagens (folha do cajueiro, das bromélias e da bananeira). As estrelas, bolas, microfolhagens e microflorais.
Roupas e Modelos	Saias godê, evasê, longa ou abaixo do joelho estilo princesa, com babados e pregueadas. Os boleros. Calças pantalonas, carpetes, casacos, gibão, túnicas, sobretúnica, batas, robes. Vestidos com saia longa e abaixo do joelho, rodada ou estreita. Mangas curtas ou longas, folgadas no punho, ou mangas fofas. Decotes em “V”, em “U” ou quadrado.
Aviamentos e Adereços	Sianinha, fita de cetim ou veludo de todas as espessuras, linhas douradas, renda, bicos, galões, passa-fita, torçal, brocado, aplicações com diversos tipos de tecido com feltro, recorte de chita, lantejoulas, vidrilhos, tubilhos, sutache, aljôfares, pérolas, ilhoses, viés...
Acessórios	Tiara, broches, brincos, bolsas, chapéus colares, pulseiras, estolas, xales, fivelas presilhas...
Calçados	Sandálias de couro ou palha, sapatilhas em lona ou couro, sapatos de salto cobertos de veludo ou cetim, botas de couro, tamancos em madeira com ataduras de fita de cetim...
Serigrafia	Poderemos usar modelos de xilogravura, emblemas com brasões ou elementos da heráldica, letras dos ferros de marcar boi, insígnias como o caju, o pavão, a estrela, a lua, o sol, a onça, o bode, em fim diversos dos motivos encontrados na gravura de

	Samigo; nos quadros, painéis e azulejos de Brennand, ou nas iluminogravuras de Ariano Suassuna.
Cores	Todos os tons das cores primárias: vermelho, amarelo e azul. Verde, laranja, púrpura, dourado, tons de bege, ocre e marrom e preto e branco.
Trançados	Bordado de agulha, renascença, labirinto, filé, renda de bilro, rendendê, frivolé e a tapeçaria.

Entendemos esse estudo como um ponto de partida para a pesquisa sobre indumentária e moda tão ausente em nosso cenário, salientando que a indústria do vestuário cresce cada vez mais. Porém sabemos que os elementos que compõem este movimento são oriundos da arte erudita e da arte popular, o que o tornam bastante diversificado e que oferece inúmeras possibilidades como do tafetá a chita, do veludo ao cetim, da cambraia a o linho, da tiara a fita, do gibão ao vestido, da calça curta à túnica. Não importa a classe, etnia nem estilo e sim a harmonia e a criatividade na arte do vestir.

REFERÊNCIAS

- LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- KÖHLER, Carl. *História do vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAIOR, Mario Souto. *Bumba-Meu-Boi*. In: O homem do Nordeste. Recife: Massagana, 1982.
- _____. *Maracatu*. In: O homem do Nordeste. Recife: Massagana, 1982.
- AZEVEDO, Marluce Câmara; SPINELLI, Cláudia. *Trançado*. In: O homem do Nordeste. Recife: Massagana, 1982.
- CAMPOS, Renato Carneiro. *Couro*. In: O homem do Nordeste. Recife: Massagana, 1982.
- BRANDÃO, Théo. *Maracatu*. Alagoas: UFAL, 1979.
- PASCOAL, Ednéa do Marco. *As pastorinhas: estudo do folclore angrense*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1975.
- LAMAS, Dulce Martins. *Pastorinhas, pastoris, presépios e lapinhas*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1978.

VALENTE, Waldemar. *Pastoris do Recife Antigo e outros ensaios*. Recife: Comunicação e Editora, 1995.

BRASÃO. Disponível em: <<http://meubrfree.com.br/~affonseca/brasão.htm>>. Acessado em: 15 de outubro de 2005.

HERÁLDICA. Disponível em: <<http://amazonline.com.br/heráldica/entrada.htm>>. Acessado em: 15 de outubro de 2005.